

NO ITINERÁRIO DA FORMAÇÃO DE MURICILÂNDIA-TO

Eliseu Pereira de Brito

Universidade Federal do Tocantins- UFT
Email: eliseubrito@uft.edu.br

Erasmu Carlos de Lima Conceição

Universidade Federal do Tocantins- UFT
Email: carloserasmo695@gmail.com

Resumo

Objetivamos com esta pesquisa analisar a formação territorial de Muricilândia, cidade localizada no norte do Estado do Tocantins com olhares geográficos sobre o mito, a história e o território de sujeitos migrantes, do movimento denominado de “Bandeira Verde”. A forma de ler o processo foi por meio de um estudo da percepção de indivíduos sobre o fenômeno, embasado na fenomenologia de Dardel (2011). O tripé de abordagem, que evidencia a história, o mito e o território, corroboram para uma análise metódica das características identitárias dos sujeitos muricilândenses. A pesquisa foi desenvolvida a partir de observações implementadas no âmbito da interpretação cultural, segundo evidências míticas na formação territorial de Muricilândia-TO. Os espaços sagrados, assim como as tradições míticas desempenham um papel singular na formação territorial do município, tendo como referência o mito das “Bandeiras Verdes” como gênese do processo. A história fundamenta-se em uma profecia, que é o ponto de partida que levou esses indivíduos a desbravarem a região. A construção desses conceitos míticos no catolicismo popular alcança relevância e fundamentos bíblicos, que viabilizam interpretações e formas de se conceber o território, construindo, com isso, formas de mediações da leitura e interpretação do mundo, mediante a uma visão fundada no espaço vivido e na memória.

Palavras-chave: Formação territorial; Mito Fundador; Território; Bandeira Verdes; Muricilândia.

IN THE ITINERARY OF THE TRAINING OF MURICILÂNDIA-TO

Abstract

This study aims to analyze the territorial formation of Muricilândia, a city located in the north of the State of Tocantins with geographical views on the myth, history and territory of migrant subjects, of the "Green Flag". The way to read the process was through a study of the perception of individuals about the phenomenon, based on the phenomenology of Dardell (2011). The tripod approach, which evidences history, myth and territory, corroborates for a methodical analysis of the identity characteristics of the muricilian subjects. The research was developed from observations implemented in the scope of cultural interpretation, according to mythical evidence in the territorial formation of Muricilândia-TO. The sacred spaces as well as the mythical traditions play a unique role in the territorial formation of the municipality, having as reference the myth of the "Green Flags" as the genesis of the process. The story is based on a prophecy, which is the starting point that led these individuals to clear the region. The construction of these mythical concepts in popular Catholicism achieves relevance and biblical foundations, which enable interpretations

and ways of conceiving the territory, thereby constructing forms of mediation of the reading and interpretation of the world, through a vision based on lived space and memory.

Keywords: Territorial formation; Founding Myth; Territory; Green Flag; Muricilândia.

EN EL ITINERARIO DEL ENTRENAMIENTO DE MURICILÂNDIA-TO

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar la formación territorial de Muricilândia, una ciudad ubicada en el norte del estado de Tocantins con vistas geográficas sobre el mito, la historia y el territorio de los sujetos migrantes, de la "Bandera Verde". La forma de leer el proceso fue a través de un estudio de la percepción de los individuos sobre el fenómeno, basado en la fenomenología de Dardell (2011). El enfoque del trípode, que evidencia historia, mito y territorio, corrobora un análisis metódico de las características identitarias de los sujetos muricilianos. La investigación se desarrolló a partir de observaciones implementadas en el ámbito de la interpretación cultural, de acuerdo con la evidencia mítica en la formación territorial de Muricilândia-TO. Los espacios sagrados y las tradiciones míticas desempeñan un papel único en la formación territorial del municipio, teniendo como referencia el mito de las "Banderas Verdes" como la génesis del proceso. La historia se basa en una profecía, que es el punto de partida que llevó a estos individuos a despejar la región. La construcción de estos conceptos míticos en el catolicismo popular logra relevancia y fundamentos bíblicos, que permiten interpretaciones y formas de concebir el territorio, construyendo así formas de mediación de la lectura e interpretación del mundo, a través de una visión basada en el espacio vivido y la memoria.

Palabras clave: Formación territorial; Mito Fundador; Territorio; Bandera Verde; Muricilândia.

Introdução

A cidade de Muricilândia está localizado na região norte do Estado do Tocantins, em uma região de ocupação impulsionada pela construção da BR-014, a rodovia Belém-Brasília construída nos anos de 1958. Mas, é uma região em que a ocupação iniciou com as frentes pioneiras na expansão migratória de nordestino em direção a floresta (hileia) em busca de terras e, em especial, de movimentos religiosos com forte migração cearense. Segundo informações orais de moradores do município foi no ano de 1952 que os primeiros habitantes chegaram ao lugar das margens do rio Muricizal, que hoje é a cidade de Muricilândia.

Na busca por entender o processo de construção do lugar, desenvolvemos uma pesquisa que intitulamos: "No itinerário da formação de Muricilândia-TO" e buscamos *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 10, v. 03, p. 241-254, jan-abr/2019, ISSN: 1984-1647*

estudar a formação do município no viés geográfico com olhares sobre a construção da identidade e território. Para tanto, definimos como objetivo analisar a formação de Muricilândia pelo tripé; mito, história e território nos itinerários dos sujeitos e das criações dos lugares. Este objetivo vai ao encontro da problemática geradora da pesquisa, buscando responder como se estabeleceu a criação dos “geossímbolos” e a formação dos mitos fundadores na construção dos lugares desses sujeitos? É uma leitura entre a religiosidade e a identificação/apropriação do solo pelo sujeitos fundadores e habitantes atuais. Para fazer a pesquisa buscamos interpretar os vínculos que entrelaçam os indivíduos ao seu território, lidos por meio de suas memórias impregnadas nos discursos dos indivíduos entrevistados.

Uma forma de fazer a pesquisa, se deu na busca pela memória em entrevistas orientadas por técnicas da pesquisa participante (TRIVIÑOS, 1987). As relações que se estabelece entre os sujeitos e os seus lugares evidenciaram os laços de ligação entre os indivíduos e seu cotidiano contidos em suas falas, com destaque para o fenômeno, leituras que interpretamos por meio de uma abordagem fenomenológica fundamentada em Relphe (1979) e, principalmente, em Dardel (2011).

Em Dardel (2011), a fenomenologia é apresentada como uma relação visceral que os homens mantêm com a sua terra. Ele estabelece duas formas de analisar a essências: essências exatas e essências morfológicas. Estas essências se diferenciam através de sua abordagem, pois uma remete as questões espaciais como relação indireta com a vivência do sujeito, em contrapartida, a morfológica exprime todos os aspectos da vivência e tem como base a sua descrição. Em Relphe (1979), o estudo fenomenológico tem a ver com princípios, origens, gênese das experiências no mundo vivido. Estuda, principalmente, os fenômenos religiosos, comportamentais, lugares e topofilia, que não pode ser compreendida através da simples observação.

Em uma leitura geográfica, o território permeia as ligações de afetividade incorporando as relações de pertencimentos e a produção das identidades. Esta pesquisa busca não só observar as relações socioculturais, mas busca contribuir de maneira qualitativa almejando promover uma maior visibilidade e valorização das heranças culturais que a formação do lugar, Muricilândia, retrata.

Construção da ideia em torno do território

A formação territorial, e os fenômenos que envolve sua gênese, são de relevância na formação e transformação dos territórios. Os estudos de território remetem a questões de conflito, poder e conseqüentemente, conquista. Como bem destacou Raffestin (1993), o conceito de território envolve intrinsecamente o jogo de poder entre os autores na conquista do espaço, tornando-se evidente que o surgimento do território resulta das ações sociais de apropriação deste.

Há autores que afirmam que o território assume elementos que vão além das relações de poder, fazendo assim destacar as relações internas que este sujeito transparece em seu ato de formação territorial. Haesbaert (1997) afirma que,

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva. (HAESBAERT, 1997, p. 41)

Almeida (2009) reforça a ideia de que o território não tem o seu significado apenas na materialidade, e sim no conjunto de relações que os indivíduos mantêm com o seu lugar. Destaca também que, o território é a inclusão dos processos sociais e do espaço materiais, em uma relação mútua e constante para definir o território. Segundo Bonnemaïson (2002, p. 287), o território “[...] antes de ser fronteira, um território é, sobretudo, um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários”. Portanto, não se pode definir o território sem as relações sociais que incidem sobre ele. Para Bonnemaïson (2002), a ideia de cultura assume o protagonismo na gênese do território, afirmando que, é somente pela existência de uma cultura que se cria um território, e é sobre este que ocorre as relações simbólicas entre os sujeitos e seus lugares.

Espaço vivido por meio de certas visão e sensibilidade cultural, o território se constrói ao mesmo tempo como um sistema e símbolo. Um sistema porque se organiza e se hierarquiza para responder as necessidades e funções assumidas pelo grupo que constitui. Um símbolo porque se forma em torno de um polo geográfico representantes dos valores políticos e religiosos que comandam sua visão de mundo. (BONNEMAISON, 2002, p. 290)

Constitui-se agora uma nova forma de se pensar a formação do território, levando se em conta as trajetórias e os fenômenos que envolve as reações de afetividade, evidenciando principalmente o espaço vivido, correspondente as experiências e as relações

individuais e coletiva que esse personagem mantém em seu território. Como bem ressaltou Corrêa (2001),

O espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário. O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, rico em simbolismo que vão traduzir em sinais visíveis não só o projeto vital da sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura. (CORRÊA, 2001, p. 32)

O objeto de estudo consiste em uma consolidação territorial um tanto peculiar e ao mesmo tempo necessária em todas as formações territoriais. Evidenciando uma formação pautada no “mito fundador” que, por sua vez, advém de valores religiosos e morais, que fundamenta e revigora a cultura fundadora e fortalecedora deste território. Consequentemente, reflete nos desdobramentos comportamentais e sociais.

As múltiplas interpretações que caracterizam as correntes conceituais que determinam o mito, partem de um contexto histórico que constroem as relações que se manifestam no espaço. Corrêa (2002), afirma que a cultura faz parte de um conjunto de representações proveniente das transmissões orais que se estende entre as gerações. Portanto, a cultura é o testemunho das ações humanas no ambiente, ações essas, que vão desde contextos abstratos às relações físicas. O que para Cassirer (2005),

O mundo mítico é um mundo dramático – um mundo de ações, de forças, de poderes conflitantes. Em todo o fenômeno da natureza ele vê a colisão desses poderes. A percepção mítica este sempre impregnada dessa qualidade emocionais. Tudo o que é visto ou sentido está rodeado por uma atmosfera especial – uma atmosfera de alegria ou pesar, de angústia, de excitação, de exultação ou depressão. (CASSIRER, 2005, p. 128-129)

Neste sentido, o mito é emoção, sensação, percepção e representação das cenas e dos cenários que o sujeito se envolve em sua trajetória de vida. Pertinentemente, a religião ocupa este ambiente emocional patenteando estas relações, incorporando símbolos e significados que permitem a construção da moralidade dessa sociedade. Cassirer (2005, p. 135-136) expõem que “[...] o verdadeiro substrato do mito não é um substrato do pensamento, mas de sentimentos. O mito e a religião primitiva não são, de maneira alguma, inteiramente incoerentes, não são vazias de sentido ou razão”. O autor reforça ainda dizendo que o homem é um ser movido pelas emoções e sentimentos, onde caracteristicamente mora os mitos, os medos e as sensações.

Desta forma, não se podem abordar o ser humano sem antes analisar o contexto emocional a qual ele está imerso. A partir de então, produzir um conhecimento sobre o homem significa levar em consideração as relações que vão além das relações materiais objetivadas e, partir para subjetividade. Com os referidos estudos que evidenciam o mito na construção do território, foi possível elaborar a pesquisa sobre a formação e ocupação produzida pela “Bandeira Verde” no norte do Tocantins.

As representações sociais a partir do mito fundador

É preciso enfatizar os discursos que retratam o arcabouço mítico, descrevendo sua importância, observando suas evidências a partir de uma análise do cotidiano. E conseqüentemente, colocar-se em discussão o papel que esses personagens mantinha na organização social. Contextualizando, a memória dos sujeitos enquanto ancora de ligação entre o passado e o presente, embasam a miticidade dando representatividade aos “geossímbolos,” parafraseando Bonnemaïson (2002). Os itinerários da construção espacial são notórios na fala do entrevistado.

Depois que encontraram o cruzeiro, logo eles trataram de construir uma igreja lá em cima do morro. E assim começou a devoção. Nós passava a noite toda rezando e até o dia, tinha vez. O seu Manoel Borges passava a temporada da quaresma só comendo uma banda de um ovo e chá, e ele ficava tão fraquinho que era carregado para rezar. A dona Antônia tinha um costume de desmaiar e, ficava todos arredor dela rezando até ela voltar. Ela tinha um menino loirinho que ela dizia que era o menino Jesus. Era uma devoção em volta do menino, tu precisava de ver. Os romeiros viviam todos descalços, de roupas largas e branca, todos tinha um pano branco amarrado na cabeça e todos tinham um cordão de São Francisco no pescoço... Quando o seu Manoel Borges vinha pra cá, no tempo da quaresma, todo mundo rezava em jejum, e quando era meio dia fazia uma fila enorme, todos estavam em jejum, e seu Manoel Borges dava para cada um, uma mão cheia de farinha de puba, uma folha de laranja, uma folha de cebola e umas pétalas de rosas. Era ruim, mas todos tinham que comer por que o seu Manoel Borges ficava olhando, e aquela comida era a penitência. (CÍCERA, 18 jan. 2018)

Esse conhecimento simbólico vivido na prática é extremamente rico dentro de suas interpretações e seus significados. Percebe-se aí, uma narrativa envolta de sentidos e significado que não são capazes de ser descritos em palavras, mas em expressões. A forma como é retratada todo esse enredo é totalmente singular, são sensações, são percepções, que desenham e fortalecem a identidade destes indivíduos, onde só quem viveu é capaz de descrever.

Para Rodrigues (2010, p. 105), “o espaço de representações, simbólico por excelência, é produto do conhecimento e das ideias produzidas nos campos da filosofia, religião e ética. Sendo a expressão das relações cotidianas, o espaço de representações vai além das descrições [...]”. A construção do mito em torno do “Menino Jesus” descrito na narrativa, configura-se como forma de aproximação da realidade bíblica, concretizando os fatos ouvidos ou lidos a respeito da história de Jesus. A vida de sacrifício e devoção que o senhor Manoel Borges e a dona Antônia Barros de Sousa viviam lhes transformavam em referência de fé, e detentores de uma certa liderança dentro da comunidade. Certamente são conhecimentos que se afirmam com representações sociais do cotidiano dessa comunidade.

[...] não é todo o conhecimento que pode ser considerado representação social, mas somente aqueles que fazem parte da vida cotidiana das pessoas, através do senso comum, que é elaborado socialmente e que funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. É um conhecimento prático que se opõem ao pensamento científico, porém se parece com ele, assim como os mitos, no que diz respeito a elaboração destes conhecimentos a partir de um conhecimento simbólico e prático. (ALEXANDRE, 2004, p. 127)

As representações sociais formadas a partir dos discursos místicos, retrata um extremo respeito e veneração a pessoa do senhor Manoel Borges. “No intervalo que a dona Antônia chegou aqui, veio também o senhor Manoel Borges vindo do Juazeiro. Ele ia de pé daqui até Juazeiro. Ele era um líder religioso, ele rezava o terço, fazia o sermão e o povo gostava muito dele” (SANTOS, 18 jan. 2018). A ligação que esse personagem tinha com a terra do padre Cícero, onde o mesmo também tinha ligação espiritual em forma de visões, lhes atribuía tais desígnios religiosos. Em certos momentos muitos fieis lhes atribui milagres, retratando nele a união da trindade santa. A construção destas relações através do respeito e da fé renderam-lhe o *status* de líder religioso da região. “Ele dizia que era um vaqueiro do padre Cícero e aí o povo começou a andar atrás dele. Quando ele ia pra Juazeiro tinha gente que ia com ele”. (SANTOS, 18 jan. 2018). E assim, através de todo esse contexto de proximidade com o padre Cícero ele se tornou um símbolo de devoção e fé.

Curiosidades de sua vida cotidiana são descritos até hoje, em relação ao seu animal que ele mais estimava, o jumento, que o mesmo teria vindo de Juazeiro do Norte com uma carga de santos. O jumentinho era conhecido pela população como “jumentinho milagroso” e todos os respeitavam e tinham uma certa reverência, chegando a ser

supersticiosa em relação a ele, pois o mesmo, havia transportado os materiais para a construção da capela no cume do morro. Vale ressaltar, que havia um apressado e admiração da população devido o carisma que a mesma tinha pelo proprietário do jumentinho, o senhor Manoel Borges. Com a morte do jumento, seus admiradores guardaram pedaços de seus ossos como recordação e, também como objeto santo, que supostamente poderia lhes trazer algum milagre.

O senhor Manuel Borges tinha um jumentinho que ele trouxe do Juazeiro com uma carga de santos, ele colocava o jumento para subir em cima do morro. Uma vez quando ele estava morando em cima do morro, ele precisava falar com um homem muito amigo dele lá em Santa Fé (cidade a 10 km de Muricilândia). Nesse tempo não tinha telefone, não tinha nada, e o senhor Manoel Borges mandou fazer um bilhete e amarrou no pescoço do jumento e o mandou levar para seu amigo em Santa Fé e, não é que o jumento veio. Quando ele chegou aqui no rio Murici, ele pulou dentro da água e foi para Santa Fé. Quando é fé! O jumentinho chegou lá em Santa Fé e o rapais se perguntou: – é o jumento do meu padim? Mas cadê ele? Aí viram que tinha algo amarrado no pescoço do jumento e viram que era um recado do seu padim. O jumento era chamado de jumento milagroso. Quando ele morreu todo mundo ficou triste, ele era muito querido. (SANTOS, 18 jan. 2018)

Conforme os relatos podemos avaliar a forma de perceber o mundo dos primeiros moradores de Muricilândia. O mito estava por toda parte, no solo, nos animais que participaram de alguma forma desse enredo mítico, nas pessoas e principalmente nos símbolos sagrados. Como descreve Gil Filho (2008, p. 48), que “por meio dos símbolos sagrados, a síntese do ethos de uma determinada comunidade. As disposições morais, mesmo as estéticas e o próprio devir da existência, fazem parte da visão de mundo congemina pela religião”. A religião funda essas interpretações, pois as mesmas, estão sempre voltadas a algum aspecto descrito na bíblia e se transformam em relações vivenciadas com o que se acredita.

Ao retratar todos esses argumentos que envolve a formação de Muricilândia, vemos que sua estrutura fundamental de formação territorial tenha se consolidado a partir de um discurso mítico, que assumi todo um contexto de fundação e formação de Muricilândia.

Todo esse percurso histórico funda as representações sociais, pois “o espaço de representação é, um espaço vivido com ligação afetiva, lócus da ação e das situações vivenciadas. É relacional em percepção, diferencialmente qualitativo e dinâmico, e de natureza simbólicas” (GIL FILHO, 2008, p. 107). Todo esse espetáculo cultural são formas de representações espacial retratados no mundo vivido, trazendo elementos da percepção.

A partir de então, “o espaço de representação, como destaque de nossa temática, expressaria a dinâmica entre o fato religioso e a prática social mediada pelo poder” (GIL FILHO, 2008, p. 108). As analogias das representações sociais com os fatos religiosos constituem-se como formas de relações de afetividade, a partir de tais aspectos. Pois as representações são formas de apropriação que retratando o lugar do ser e não o do ter.

Olhares sobre a formação de Muricilândia-TO

A formação de Muricilândia e todo o seu arcabouço histórico tem um contexto peculiar na história de ocupação do norte de Goiás, atual Tocantins. A concepção de Muricilândia tem no mito, anunciado pela dona Antônia Barros de Sousa, que afirmava ter visto em visões e falado com o Padre Cícero, sua base de fundação.

Nas visões que a viúva tinha, um padre (Pe. Cícero) mandava que ela deixasse a região onde morava e se deslocasse com seus filhos e neto para a região da mata do Lontra [...] e lá se instalasse nas bandeiras verdes [...] e encontrasse o Morro Santo e o Santo Cruzeiro.” (BORGES, 2015, p. 01)

A formação dessa inquisição mística deu-se entre o fim da década de 1940 e o início da década de 1950, e todo esse mistério que se instalou sobre a popularmente conhecida beata atraiu muitos olhares, até mesmo dos líderes religiosos católicos da época.

Na segunda metade de agosto do ano de 1952, o Padre Tonini partiu de Filadélfia dispensando companhia para o povoado do Lontra, atual cidade de Araguaína e, chegando na casa de sua hospedagem, notou uma certa preocupação das pessoas que ali estavam quanto ao assunto que incomodava os cristãos na época/região. Relatou que ao entrar em uma certa residência o morador perguntou: “o senhor não soube de nada?” o padre indagou o homem a falar, pois ele não estava sabendo de nada, “uma velinha feia como o bicho-papão, maligna como o diabo inventou a história de uma cruz caída do céu lá no meio da mata [...], bem no centro da floresta virgem. Está levando para lá todo o povo. Mais de 50 famílias [...]” (TONINI, 1959, p. 47). A “Bruxa dos Bosques” como ela é descrita pelo padre, estava acampada com seus seguidores nas margens do rio Jacuba. E o padre ficou consternado com tamanha heresia e se esforçou em alertar o povo do erro que estavam cometendo, ao dar ouvidos para aquela mulher. O mesmo questionou a população, “frequentaste os sacramentos com tanto respeito, passando agora a acreditar em asneiras de tal gênero? Em seguida se esforçou em demonstrar como a velha era uma emissária do demônio” (TONINI, 1959, p. 48). O padre vendo que os homens que

estavam com a velha não iriam desistir, o mesmo novamente faz um discurso, em cima de um banquinho iluminado pela luz de um lampião.

Por que cuspis na face de Cristo, da Virgem, do Sacerdote e andais a trás dos emissários de Satanás? Com voz ainda pausada, alerta aquele povo ingênuo de que já possuía provas de que naquele negócio o demônio estava no meio. Os três homens que, por sinal, estavam presentes, haviam enganado o sacerdote, porque tinham o objetivo de continuar iludindo os ingênuos e, assim, comprar suas casas, os seus campos e os seus animais a preço irrisório e, depois, despedi-los pobres e miseráveis, para morrer na mata virgem, junto a uma velha feiticeira, que tinha a tarefa de diverti-los com a fabula da “Besta-Fera”, para que, arrependidos não voltassem mais atrás. E, uma vez que pôde concluir que quase todo o povo aderira a mentira e fizera uma procissão sacrílega, invadindo a igreja a mão armada, não poderia mais voltar àquela cidade. (TONINI, 1959, p. 51)

A partir de então, o padre revoltado afirmou que “nenhum padre virar mais aqui, se toda a cidade não se arrepender daquilo que fez. Comigo, neste instante, sairá também a imagem do Sagrado Coração.” (TONINI, 1959, p. 51). Todos os que estavam lá ficaram muito perplexos e alguns choraram pela partida da mesma.

Ao se acalmar todo aquele alvoroço que havia ocorrido entre a beata e as autoridades da época ela partiu até a o vilarejo chamado Lontra (Araguaína), onde a mesma era aguardada, e mais pessoas se juntaram a ela nessa missão. Em decorrência “[...] ao longo ciclo de chuvas que ocorria na região do Lontra, somente após o período chuvoso em maio de 1952, entre os dias 9 e 11 daquele mês é que o grupo liderado pela beata Antônia resolve ingressar na mata.” (BORGES, 2015, p. 05)

É nesse ritmo que na tarde do dia 27 de julho de 1952 o cortejo liderado pela beata chega ao pé do Morro Santo (hoje Aragominas) pousam às margens de um pequeno córrego. No dia seguinte bem cedo a beata reuni todos os romeiros para o ritual religioso rotineiro, mas nesse dia a missão é especial, subir ao topo do morro e encontrar o Santo Cruzeiro que segundo ela estaria no alto do morro e teria sido colocado por alguém enviado por Pe. Cícero, que em visão repassara a ela a missão de descobrir o cruzeiro, mesmo sem nunca tê-lo visto. Ela reuniu um grupo de homens, manda que todos se vestissem de branco, levassem foguetes para a salva de alegria no momento de descoberta. (BORGES, 2015, p. 06)

No percurso da subida no morro se configurou muito trabalhoso e ao chegarem lá todos estavam muito cansados, e se sentaram no chão. Após alguns minutos descansando ela indicou a forma que iriam encontrar o misterioso cruzeiro, supostamente deixado pelo padre Cicero. No alto do monte, a sombra de uma arvore.

[...] reuni os homens manda que um deles se encoste à árvore com a face voltada para a direção do sol poente e andasse alguns passos à frente [...]de repente ela manda que o marcador virasse a oeste e andasse 12 passos, nesse momento ela tira um véu que lhe cobria a cabeça e diz: “É aqui.” Com um gesto suave ela cobre algo ainda não visualizado por todos, se ajoelha e pede que todos repitam o gesto, lentamente ela levanta o véu e todos visualizam uma pequena cruz de aproximadamente um palmo, desbotada e desgastada pelo tempo cravada na fenda de um lajeiro, ela manda que façam uma cobertura sobre a cruz, simbolizando as Igrejas de Juazeiro no Ceará. Ali rezam e soltam muitos foguetes anunciando a descoberta (BORGES, 2015, p. 06-07)

Todo esse percurso também se comprova através das entrevistas realizada, evidenciando as relações que se estabeleciam durante toda essa missão. Em seus relatos eles demonstram a esperança ao chegarem no local revelado, suas vidas melhorariam, e através de sua fé e confiança alcançaram a “terra prometida”.

Nós veio com uma velinha indicada, que trouxe nós pra cá. Ela dizia pra nós procurar as matas verdes, onde nós tá, por que de onde nós veio não tinha matas verdes. Por que as áreas verdes têm muitas coisas boas pra gente viver. Ela falava que tinha sido o padre Cicero que a tinha enviado, e que era pra ela procurar as Bandeiras Verdes junto com os irmãos. (CARLINHO, 10 jan. 2018)

A edificação de um discurso capaz de mover os corações e a fé dessas pessoas, tem que se fundar em elementos subjetivos, onde só a fé pode explicar e, também em elementos concretos que asseguram e fundamentam o discurso. Em conversa com um dos antigos romeiros pude perceber que quando eles estavam no Lontra (Araguaína) podia-se avistar o morro a qual a dona Antônia Barros de Sousa previa, aumentando ainda mais a fé dos que a acompanhava e aderindo mais adeptos ao seu discurso. “Numa visão conservadora, mais tradicional, a identidade de como um todo refere-se antes de mais nada a algo estável, a-temporal e a-espacial [...]” (ROSENDAHL; CORRÊIA, 1999, p. 179). O embasamento que se teve para a constituição desse mito, como bem demonstra a fala do entrevistado, teve seus elementos físicos dentro deste contexto que se configurou no avistamento do morro e na subida do mesmo.

A história da romaria em Muricilândia e nessa região começou com a dona Antônia Barros de Sousa. Ela morava nas proximidades de Araguaína e apareceu uma pessoa para ela que se dizia ser Padre Cícero, e falou para ela vir para as matas altas que tinha uns morros e que encima desses morros tinha uma cruz, e sai essa conversa que ela tinha conversado com Padre Cícero e que ele tinha dito para ela ir em busca dessa cruz encima de um morro. (SANTOS, 18 jan. 2018)

Após todo esse momento de alegria em ter encontrado o morro, no qual foi achado o cruzeiro, os romeiros se reuniram, “era o período da distribuição dos lotes de terra pela beata aos romeiros, ali deveriam constituir famílias e viverem sem ambição e em total devoção aos ensinamentos da líder espiritual” (BORGES, 2015, p. 07). Mas, havia algumas contestações de alguns, entre eles o Joao Paulino, em referência a pouca água que havia no local.

Quando chegamos nos pés do morro passamos uns dois dias pensando e ela disse que a água lá era pouca, e ela disse pra nós – olha! vocês marca aqui debaixo do sol, vocês vai achar uns lugar ruim de descer, mas vocês arrudia, porque vocês vão achar um rio ai na frente. Quando chegamos aqui vimo que o rio tinha muita água, só tava cheio de pau veio. Fizemos a picada e voltamos pra trás pra avisar da grade quantidade de água e pra ir em Araguaína comprar o rancho. (CARLINHO, 10 jan. 2018)

Mediante algumas observações do Joao Paulino da forma do relevo e do percurso das nuvens, mediante ao seu lugar de visão, que seria encima do morro pode perceber “nuvens baixas sobre a floresta como se seguissem o curso de algum rio. Convocou alguns de seus amigos para irem averiguar se havia um curso d’água naquele local,” (BORGES, 2015, p. 08) com os senhores “Barnabé José de Sousa, Marciano, Abdias, José Pequeno, Manoel Barracão, Zacarias e o jovem João Fernandes de apenas dezessete anos e marcam para 20 de agosto de 1952 pela manhã a data da partida.” (BORGES, 2015, p. 08)

E ao chegar no local que hoje se denomina Muricilândia, as primeiras reações, além de averiguar a qualidade e a quantidade da água, foi o estabelecimento de moradias improvisadas e o desbravamento da mata para o plantio de roças.

Embasados por um sentimento religioso, lançaram-se em direção ao desconhecido, constituindo uma busca fervorosa dos locais sagrados que se transfigurava na paisagem da região. Em virtude de suas insistências alcançaram seu objetivo na subida do moro santo e no encontrar do crucifixo, supostamente deixado pelo padre Cicero. As relações que essas histórias provocam em seus admiradores permeiam toda uma relação identitária desses indivíduos. A interpretação gerada dos significados simbólicos do sagrado e a sua relevância nos rituais, são elementos que respaldam a afirmação da origem da formação do município e a consolidação das identidades muricilândenses.

Os questionamentos instituídos no decorrer da pesquisa voltam-se a descrição e interpretação das formas que essa cultura se mantém nos dias atuais. Paulatinamente, as tradições perdem muitas de suas características originais, mas isso não quer dizer que as

mesmas sejam abandonadas. As inquietações que se intuíram acerca do desprezo e abandono da cultura local, se desfazem, quando interpretamos as ressignificações que esses aspectos configuram no espaço, e se reflete nas identidades desses sujeitos.

Considerações finais

A cidade de Muricilândia em virtude de sua formação territorial ligada a um processo mítico, configura-se em linhas de abordagem em uma formação excêntrica e rica culturalmente. Um dos pontos que devemos ressaltar é a fundação em um *corpus* de um mito, este que se apresenta na pedra fundamental da formação da mesma. O mito como forma de se interpretar o mundo, veio a ser o elemento capaz de unir povos de diferentes origens em torno de uma profecia que aguçava as percepções religiosas, e lhes dava alento e esperança na busca da “terra prometida”.

Todo esse contexto histórico da formação territorial de Muricilândia, revela um território que não se funda nas territorialidades do ter, enquanto posse, mas, nas características do ser, enquanto parte constituinte do mesmo, parafraseando Bonnemaïson (2002). Apresentando assim as relações espaciais fundadas nas percepções simbólicas mediante ao mito fundador, encadeando uma série de espaços que encarnam o sagrado e, posteriormente, servindo de referência e de bases para a formação e fundação de Muricilândia.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Diáspora: Viver Entre-territórios. E entre Culturas? In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Organizadores. **Geografia cultural: um século**. – Rio de Janeiro. EDUERJ, 2002.

BORGES, Manoel Filho. **A história de Muricilândia e do quilombo**. 2015. Disponível em: <<http://quilombo-de-muricilandia.webnode.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste.** Niterói: EdUFF,1997

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia.** Geografia, v. 4, n. 7, p. 1-25, abril, 1979.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊIA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

TONINI, Padre Quinto. **Dom Orione: Entre Diamantes e Cristais.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 1959.

Sobre os autores (Informações coletadas do Lattes em 24/03/2019)

Eliseu Pereira de Brito

Possui Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. É mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo de Pesquisa GEGATO - Grupo de Estudos Geográficos da Amazônia e Tocantins e Pesquisador do Núcleo de Estudos Urbanos, Agrários e Regionais - NURBA/UFT. Pesquisador Externo do LABOTER/UFG. Desenvolve pesquisa sobre "Território e territorialidades das comunidades ribeirinhas na Amazônia Legal - Tocantins" e sobre "Identidades Territoriais e Lugares tocantinenses. Desenvolve leituras no Grupo de Estudo sobre os "lugares" em Jöel Bonnemaison". Atualmente é Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína. Editor da Revista Tocantinense de Geografia.

Erasmo Carlos de Lima Conceição

Graduado em Geografia. Professor da rede pública de ensino do Tocantins. Pesquisador do GEGATO/UFT. Desenvolve pesquisa sobre cultura tocantinense com ênfase sobre os movimentos migratórios nordestino em direção a Amazônia.

Como citar esse artigo

BRITO, E. P.; CONCEIÇÃO, E. C. L. No Itinerário da Formação de Muricilândia-TO. In: **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 03, n. 10, p. 241-254, jan-abr., 2019.

Recebido em: 2019-02-01

Devolvido para revisão: 2019-02-09

Aceito em: 2019-03-05